

FACETAS DE ELIZABETH BENNET: FIGURAÇÃO E REFIGURAÇÃO DA PERSONAGEM EM ORGULHO E PRECONCEITO

Kamila Gabrieli de Santana (IC) e Maria Elisa Rodrigues Moreira (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Orgulho e Preconceito (lançado em 1813) é uma obra que tem sido revisitada, sendo um dos clássicos ingleses mais aclamados da literatura mundial. Além de sua consolidação e perpetuação na literatura, a obra foi eternizada nas telas de cinema com o longa-metragem homônimo do diretor inglês Joe Wright, lançado em 2005, que também se tornou um clássico na categoria de adaptações literárias. A obra possui uma das personagens femininas mais emblemáticas da literatura: Elizabeth Bennet, que por sua inteligência, opinião forte e coragem, se tornou um símbolo feminino. Este trabalho, portanto, tem como objetivo analisar a transposição midiática que ocorre com a protagonista Elizabeth, partindo da obra de Jane Austen para o filme de Joe Wright, baseando-se nos processos de “figuração” e refiguração” na perspectiva dos Estudos da Narrativa (REIS, 2019a, 2019b) para explicar como a autora constrói a personagem no romance e como a protagonista é transposta para o longa-metragem. Também se adotou o conceito de “adaptação” advindo dos Estudos Intermídia, tal qual discutido por Robert Stam (2006). Por meio da releitura e análises, concluiu-se que a personagem foi transposta de maneira fidedigna ao romance de Jane Austen e isso contribuiu, de maneira significativa, para a sua sobrevivência (REIS, 2019).

Palavras-chave: Adaptação. Elizabeth Bennet. Estudos da Narrativa.

ABSTRACT

Pride and Prejudice (published at 1813) is a work that has been revisited being one of the most acclaimed English classics in world literature. In addition to its consolidation and perpetuation in literature, the work was immortalized on cinema screens with the homonymous feature film by English director Joe Wright, released in 2005, which also became a classic in the category of literary adaptations. The work has one of the most emblematic female characters in literature: Elizabeth Bennet, who, due to her intelligence, strong opinion and courage, became a female symbol. , starting from Jane Austen's work for Joe Wright's film, based on the processes of “figuration” and refiguration” from the perspective of Narrative Studies (REIS, 2019a, 2019b) to explain how the author builds the character in the novel and how the protagonist is transposed into the feature film. The concept of “adaptation” arising from Intermedia Studies, discussed by Robert Stam (2006) was also adopted. Through rereading and analyses, it was concluded that the character was faithfully transposed to Jane Austen's novel and this significantly contributed to her survival (REIS, 2019).

Keywords: Adaptation. Elizabeth Bennet. Narrative Studies.

1. INTRODUÇÃO

Orgulho e Preconceito foi lançado em 1813 e escrito pela consagrada autora inglesa Jane Austen. A obra, que narra a história de Elizabeth Bennet e Mr. Darcy, tem como cenário a sociedade aristocrática da Inglaterra no século XIX. O leitor acompanha a história do casal que, inicialmente, se repele em decorrência de seus próprios pressupostos um sobre o outro, mas que por fim compreende que um indivíduo é mais do que sua posição social, suas posses ou até mesmo o nome de sua família.

Em 2005, é lançada nos cinemas uma adaptação da obra de Austen, de mesmo nome, dirigida pelo diretor inglês Joe Wright. O diretor é conhecido por outras adaptações, como *Anna Karenina* (2012) e *Desejo e Reparação* (*Atonement*, 2007). O longa foi indicado ao Oscar, Globo de Ouro e British Academy Film Awards, tendo vencido neste último na categoria de direção “Recém-chegado com mais potencial”. Em sites de crítica de cinema, como o IMDb, a obra tem, atualmente, nota 7,8; no site Rotten Tomatoes recebe 87% de aprovação dos críticos e 89% do público. O filme continua sendo um referencial no quesito adaptação de clássicos e atualmente pode ser assistido na plataforma de streaming Netflix.

Elizabeth Bennet, também chamada de Lizzie, é a protagonista do clássico inglês e tem sido alvo de análises por sua personalidade forte, inteligência e desejos distintos dos das mulheres retratadas ao seu redor. Diante disso, a proposta do presente trabalho foi analisar os processos de figuração e refiguração de Lizzie partindo, no primeiro caso, do livro de 1813, escrito por Jane Austen, e, no segundo, do filme de mesmo nome dirigido por Joe Wright, lançado em 2005.

Observamos, em nossas investigações iniciais, que nenhuma das pesquisas catalogadas na CAPES abordava diretamente os processos de “figuração” e “refiguração” da personagem, na perspectiva adotada pelos Estudos da Narrativa (REIS, 2019a, 2019b), nem os conjugava com os estudos sobre a “adaptação” advindos dos Estudos Intermídia, em especial o conceito de “adaptação” tal qual discutido por Robert Stam (2006), os quais elegemos então como os referenciais teóricos de base desta pesquisa. A partir desses referenciais, propusemo-nos a explorar os três conceitos mencionados, analisando a protagonista de Austen e o modo como ocorre sua transposição midiática, refletindo sobre as semelhanças e diferenças entre ambas as representações da personagem.

Para tanto, quanto aos Estudos Narrativos, cita-se especialmente o capítulo 5 do livro *Pessoas de Livros: estudos sobre a personagem*, intitulado “Pessoas de livro: figuração e sobrevida da personagem”, no qual Carlos Reis, um dos pesquisadores de maior relevância na retomada dos estudos narratológicos na contemporaneidade, apresenta o conceito de **figuração** como sendo um processo “dinâmico, gradual e complexo” utilizado para a

construção de personagens que permeia toda a obra (não se restringe apenas às descrições físicas das personagens, por exemplo), o qual é concretizado através de dispositivos discursivos, de ficcionalização e de conformação (REIS, 2018a). Neste processo ocorre, portanto, a individualização da figura antropomórfica, uma humanização da personagem.

Além do conceito de figuração, outros conceitos apresentados por Reis foram importantes para esta pesquisa, como o próprio conceito de **personagem**, que ele sistematiza em seu *Dicionário de Estudos Narrativos*. Nesta obra, o personagem se caracteriza como a “representação de uma figura humana ou humanizada [...] que contribui para o desenvolvimento da história e da ilustração dos sentidos projetados por essa história.” (REIS, 2018b, p. 388). Deve-se considerar, ainda com relação ao personagem, os aspectos de sua capacidade de intervenção na história, os processos de sua individualização (entidade discreta), seus componentes ficcionais e os meios pelos quais acontece seu envolvimento na narrativa: “[...] a personagem vai sendo conformada, ao longo do relato, em função de procedimentos de individualização que permitem distingui-la do narrador e das restantes personagens” (REIS, 2018b, p. 389). Esses dois conceitos — personagem e figuração — foram a base para a análise da personagem Elizabeth Bennet no romance de Jane Austen.

No entanto, para analisarmos os modos como a personagem aparece no filme de Joe Wright, precisamos recorrer ainda a outros conceitos. Um deles se origina também nos Estudos Narrativos: trata-se do conceito de **refiguração**, que equivaleria ao processo de materialização de uma personagem em um suporte midiático diferente daquele em que ela foi figurada em sua origem, utilizando-se dos recursos disponíveis para tal. Carlos Reis, ainda no *Dicionário de Estudos Narrativos*, observa que “[...] os procedimentos de adaptação de narrativas verbais e literárias a outros media colocam a refiguração no campo da transposição intermediática” (REIS, 2018b, p. 421). Isso envolverá, no caso das obras cinematográficas e televisivas, por exemplo, alguns elementos como atores, o espaço em que habitam e transitam, e os figurinos, além de “articulações temporais”.

Este conceito conecta-se ainda com o de **sobrevida** da personagem, também formulado por Reis (2018b), e que diz respeito ao prolongamento da vida da personagem para além da narrativa na qual ela originalmente foi criada. A sobrevida advém do processo de refiguração, pois permite a existência da personagem em mais suportes midiáticos e, conseqüentemente, seu prolongamento no meio cultural.

Outro campo teórico que fundamentou as análises da personagem Elizabeth Bennet no filme foi o dos Estudos Intermídia, no qual recorreremos tanto às pesquisas sobre adaptação quanto àquelas acerca das especificidades da linguagem cinematográfica. Como base para pensar a **adaptação**, foi explorado o texto “Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à

intertextualidade”, de Robert Stam: neste artigo, o autor utiliza conceitos desenvolvidos por Bakhtin (dialogismo) e Genette (hipertextualidade) para refletir sobre o processo de adaptação de uma obra literária em uma obra fílmica (STAM, 2006).

No que diz respeito à linguagem cinematográfica, que foi preciso considerar na análise da refiguração da personagem no filme adaptado, nossa referência teórica principal foi o livro *Lendo as imagens do cinema*, de Laurent Jullier e Michel Marie (2012), especificamente o capítulo intitulado “As ferramentas da análise fílmica”, que permitiu que observássemos de que maneira as opções narrativas do filme contribuem para a refiguração da personagem.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, leitura e análise dos textos levantados, nas seguintes etapas: 1) releitura e fichamento das obras que compõem o corpus da pesquisa; 2) levantamento bibliográfico teórico e crítico sobre Estudos Narrativos e de Intermídia; 3) leitura dos textos teóricos essenciais à pesquisa, sistematizando informações sobre seus conceitos centrais; 4) leitura e fichamento de textos críticos selecionados; 5) análise das obras do corpus a partir dos conceitos teóricos e do diálogo com a fortuna crítica; e, por fim, 6) sistematização das análises realizadas e redação de artigo para apresentação dos resultados da pesquisa.

Para a estruturação deste artigo, na sequência a esta introdução apresentamos o desenvolvimento de nossa análise, começando com a apresentação teórica dos conceitos de de figuração e refiguração, assim como de seus modos de construção. Em seguida, analisamos como se deu o processo de figuração de Elizabeth Bennet, avaliando de que forma foram utilizados para isso os dispositivos discursivos, de ficcionalização e de conformação acional. Na última subseção voltada ao desenvolvimento da pesquisa, analisamos o processo de refiguração da personagem no filme de Joe Wright, identificando de que forma a linguagem cinematográfica contribui com esse processo e influencia, portanto, na sobrevivência da personagem. Terminado o desenvolvimento, passamos às nossas Considerações finais a respeito da pesquisa desenvolvida.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 Figuração e refiguração: configurações de personagens nos Estudos Narrativos

Podemos definir o conceito de personagem como “a representação de uma figura humana ou humanizada [...] que contribui para o desenvolvimento da história e da ilustração dos sentidos projetados por essa história.” (REIS, 2006, p. 388). Sendo assim, a personagem carrega em si características humanas que tanto ajudam o autor a transmitir aspectos da

humanidade e comunicar determinada ideia, quanto o leitor a compreender a narrativa. Reis cita Philippe Hamon, acrescentando que “Manifestada sob a espécie de um conjunto descontínuo de marcas, a personagem é uma unidade difusa de significação, construída progressivamente pela narrativa.” (HAMON, 1983 *apud* REIS, 2006, página). A personagem é uma parte essencial da narrativa e, para assumir esse papel, passa pelo processo de figuração, capaz de possibilitar o “fazer personagem”.

Nesse sentido, o processo de figuração é, de acordo com Carlos Reis, o “processo ou um conjunto de processos constitutivos de entidades ficcionais de feição antropomórfica, conduzindo à individualização de personagens em universos específicos, com os quais essas personagens interagem.” (REIS, 2006, p. 121). É o processo no qual a personagem será distinguida de outras personagens e terá seu caráter, personalidade e atributos formados. A figuração é “dinâmica, gradual e complexa”, pois percorre toda a narrativa, não se limitando a um trecho específico desta, e também “não se restringe a uma descrição, no sentido técnico e narratológico do termo, nem mesmo a uma caracterização, embora esta possa ser entendida como seu componente importante.” (REIS, 2006, p. 122). A figuração se dá através de determinados dispositivos narrativos, que são denominados por Reis como **dispositivos discursivos, de ficcionalização e de conformação acional**.

Os dispositivos discursivos são os que nos levam a conhecer traços da personagem, como acontece em decorrência das pausas descritivas em regime onisciente ou em movimentos temporais — são trechos que apresentam características da personagem de maneira mais direta. Os dispositivos de ficcionalização, por seu turno, salientam a “condição de entidade ficcional” da personagem seja evidenciando, acentuando ou questionando seu “estatuto ficcional”. Por fim, os dispositivos de conformação acional “são os comportamentos humanos [...] implicados numa ação narrativa e nela manifestados” e que indicam “a feição psicológica, ideológica ou moral da personagem” (REIS, 2006, p. 133). É importante ressaltar que os dispositivos podem ser observados por todo o texto e, juntos, contribuem para a constituição da personagem.

Após apresentarmos os principais conceitos que contribuem para o processo de figuração da personagem, podemos observar um conceito significativo para a literatura e para a adaptação, que é o de **refiguração** de personagens. De acordo com Reis, a refiguração “trata-se de materializar [...] traços físicos e psicológicos que permitam reconhecer a personagem refigurada como resultado da transposição intermediática de uma figura original.” (REIS, 2006, p. 421). Ou seja, a refiguração é o movimento de “trazer à vida” uma personagem em suportes diferentes do original através de distintos recursos. Reis diz que este processo “implica o recurso a dispositivos técnicos e de produção narrativa inerentes a cada *medium* particular [...]” (REIS, 2006, p. 421). A materialização da personagem, no caso das adaptações

cinematográficas, é feita por meio do *casting*, fotografia, figurinos, músicas, cenários, movimentos de câmera, roteiro, entre outros. Todos estes elementos contribuem para o reconhecimento de determinada personagem quando transposta para uma mídia diferente da obra original.

A refiguração proporciona à personagem a possibilidade de ser retratada de distinta maneiras em diversas mídias além da fílmica, como esculturas, pinturas, desenhos (como ocorre com as *fanarts*, ilustrações de personagens a partir da interpretação do autor do desenho), teatro, quadrinhos e assim por diante. Por isso, o conceito de refiguração está muito próximo do conceito de sobrevida — a migração da personagem da literatura para o “mundo real”, num processo em que a personagem “prevalece sobre a ficção e vive uma vida para além dela” (REIS, 2006, p. 134). A refiguração contribui com a sobrevida, pois a personagem ganha novas formas de ser analisada, resultante de diferentes interpretações.

Nos próximos tópicos discutiremos como os conceitos explorados foram utilizados na construção da personagem Elizabeth Bennet, inicialmente no romance de Jane Austen e, posteriormente, no filme dirigido por Joe Wright.

2.2 Elizabeth Bennet no romance de Jane Austen

Na figuração da personagem na obra, pode-se observar dispositivos discursivos e dispositivos de conformação acional. Não há presença de dispositivos de ficcionalização.

Os dispositivos discursivos, como anteriormente citado, são os elementos que descrevem a personagem, apresentando traços físicos e personalidade, mediante fluxos de consciência, narração em terceira pessoa ou o discurso de outra personagem. No capítulo 6 do romance pode-se encontrar a seguinte descrição sobre Lizzie, na qual o narrador onisciente traz o ponto de vista de Mr. Darcy sobre ela, demonstrando sua mudança de sentimentos em relação à personagem principal:

Mas logo que declarara a si mesmo [Darcy] e aos amigos que Elizabeth não possuía um só traço agradável no rosto, começou achar que a bela expressão dos seus olhos negros dava àquele rosto um ar excepcionalmente inteligente. A esta descoberta sucederam outras igualmente humilhantes. Embora o seu olhar crítico houvesse descoberto mais de um defeito na simetria das suas formas, foi forçado a reconhecer que as linhas do seu corpo eram de grande pureza; e apesar da sua afirmação de que as maneiras dela não eram as do mundo elegante para dançar com ele, sentiu-se fascinado pela sua encantadora naturalidade. (AUSTEN, 2018, p. 35).

Percebe-se que há uma descrição física da personagem sendo construída no excerto: os seus “olhos negros”, que davam a seu rosto “um ar excepcionalmente agradável”; a percepção, por Darcy, de “defeitos na simetria das suas formas”, conjuntamente com a “pureza” nas linhas do corpo e com sua “naturalidade”. Por meio destas descrições, o leitor consegue imaginar algumas características da personagem e reúne elementos para criar para ela, em seu imaginário, uma identidade fisicamente identificável.

Para que percebamos como esse processo acontece gradualmente, o próximo excerto que selecionamos está inserido no capítulo 50 do romance, quando outra descrição da personagem é apresentada, dessa vez voltada a seus atributos psicológicos, e, assim, auxilia no processo de sua figuração. No trecho, o narrador onisciente traz a perspectiva de Elizabeth sobre Darcy, mas faz um paralelo entre as características de ambos:

Elizabeth começou a compreender então que Mr. Darcy era o homem que mais lhe convinha, tanto pelo seu temperamento como pelas suas qualidades. O seu gênio, embora diverso do seu, correspondia a todos os seus desejos. Essa união teria sido vantajosa para ambos. A espontaneidade e a naturalidade de Elizabeth contribuiriam para suavizar o seu espírito, e melhorar também as suas maneiras. Ela, por sua vez, receberia um benefício ainda maior com a segurança do seu julgamento e a sua experiência de mundo. (AUSTEN, 2018, p. 294)

Neste trecho, o narrador traz características da personalidade de Elizabeth: sua “espontaneidade” e “naturalidade”, as quais seriam acrescidas com a “segurança do julgamento” de Darcy e sua “experiência de mundo”. Portanto, pode-se concluir que Elizabeth entende-se como uma mulher que ainda não concluiu seu processo de amadurecimento no julgar, nem tem tanta experiência de vida, ainda que seja uma personagem que demonstra muita maturidade no decorrer do romance.

As características que são expressas por meio dos dispositivos discursivos, como nos dois exemplos apresentados, são reforçadas ao longo do livro também com a utilização dos dispositivos de conformação acional. Estes dispositivos estão relacionados com as ações da personagem ao longo da obra e contribuem para a construção da sua personalidade e identidade, visto que é por meio deles que nós, leitores, podemos observar as atitudes da personagem ao longo da história, as quais podem revelar muito sobre sua personalidade. No caso de Elizabeth, destacamos para análise dois trechos significativos. O primeiro deles compõe o capítulo 7 do romance, e recupera a sequência em que Lizzie caminha até a residência de Mr. Bingley para encontrar sua irmã Jane, que está enferma:

Elizabeth, sentindo-se realmente ansiosa, tinha decidido ir ver a irmã, embora a carruagem não pudesse ser usada. Mas como não sabia montar, a única alternativa era ir a pé.

— Que tolice — gritou a mãe —, ir a pé com toda esta lama! Você chegará lá num estado lamentável.

— Chegarei lá em estado de ver Jane e isto é tudo o que desejo.

— Isto é uma indireta para mim — falou o pai —, para que eu mande buscar os cavalos?

— Não, de nenhum modo. Não me importo de ir a pé. A distância é curta quando se tem um bom motivo; apenas três milhas. Estarei de volta para o jantar. (AUSTEN, 2018, p. 44)

Nota-se que a personagem possui uma preocupação com a irmã, a ponto de sentir-se “realmente ansiosa” em vê-la. Decide, então, ir a pé para ter notícias, apesar da distância e do tempo que levaria até chegar em Netherfield. Elizabeth não se preocupa com sua aparência depois da caminhada que faria, porque sua maior motivação era saber como Jane se encontrava. Nisto vemos uma personagem que imprime determinação e firmeza em seus valores, decisões e cuidado, sem se importar demasiadamente com o que as pessoas dirão sobre ela. Elizabeth, por fim, exprime uma fala que resume a essência de sua decisão: “A distância é curta quando se tem um bom motivo.”. Ver a irmã enferma e saber em quais condições ela está era, por si só, um bom motivo para Elizabeth.

No capítulo 20, Elizabeth é pedida em casamento por seu primo Mr. Collins. Este não aceita a recusa imediata de Elizabeth, e a mãe dela insiste com a filha para que ela se case com ele. Porém, não era este o desejo de Lizzie, o que leva o leitor ao seguinte trecho, no qual o narrador onisciente expressa marcas da personalidade da protagonista diante da sua posição sobre o primo: “Elizabeth resistiu aos seus ataques, às vezes com seriedade, outras vezes com bom humor. No entanto, a sua determinação permaneceu inalterável”. (AUSTEN, 2018, p. 121)

Primeiro, percebe-se que Elizabeth tem um senso de humor que a auxilia em momentos de tensão como o que enfrenta diante de Mr. Collins e sua família, transitando entre a seriedade e o bom humor. Além disso, destaca-se principalmente a sua “determinação”, que permaneceu “inalterável”. Lizzie não teve sua opinião nem vontades alteradas pelo contexto nem forçou-se a fazer algo que não gostaria. Pelo contrário, mostrou uma força de espírito e personalidade que são marcas da sua personagem.

A partir desses breves excertos do romance, pode-se concluir que Elizabeth Bennet é uma personagem exemplar por sua firmeza de caráter, determinação e convicções bem estabelecidas. É uma mulher que não sente receio pelas opiniões alheias, sejam vindas de familiares ou pessoas com prestígio social, evidenciando um grande “compromisso” com

quem ela é e com suas crenças. É, em suma, uma moça simples em aparência, mas de grande originalidade.

2.3 Elizabeth Bennet no filme de Joe Wright

O longa-metragem *Orgulho e Preconceito*, dirigido por Joe Wright, tem sido um modelo quando o assunto são adaptações literárias, em especial de obras clássicas. Analisaremos nesta seção como ocorre o processo de refiguração de Elizabeth no filme, ou seja, como foi realizada a transposição midiática da personagem. Para isso, recorreremos a alguns dos conceitos apresentados na obra *Lendo as Imagens do Cinema*, de Laurent Jullier e Michel Marie, que possibilitam que percebamos melhor quais os elementos da linguagem cinematográfica foram mobilizados no processo refigurativo.

No filme, assim como no livro, o espectador observa a história em terceira pessoa. O filme se inicia com a imagem de um campo, ao nascer do sol, sobre o qual passam a ser exibidos os créditos iniciais. Logo após a exibição do título do filme, vemos entrar em cena, a partir de 00:01:17 até 00:01:26, a personagem Lizzie. O espectador pode acompanhá-la caminhando por esse mesmo campo que serviu de fundo às imagens de crédito, o qual saberemos na sequência que se encontra perto de sua casa, ao mesmo tempo em que lê um livro, conforme se pode perceber na Figura 1.

Figura 1 - A personagem Elizabeth Bennet



Fonte: Frames do filme (ORGULHO..., 2005, 00:01:17 a 00:01:26)

As cores utilizadas nesta cena (e, de modo geral, a paleta cromática de todo o filme) remetem a um ar “antigo”, clássico, uma vez que parecem um pouco desbotadas. O brilho, que se associa ao sol nascente que vimos nas imagens anteriores aos créditos do filme, contribui para enfatizar a tonalidade presente na cena, que chega a adquirir características do sépia, usado em geral para indicar envelhecimento das imagens. Com a câmera em Primeiro Plano (PP) e centralizando¹ Lizzie, observa-se certas características da personagem que são citadas no romance, como seus olhos e cabelos escuros. Pode-se já perceber também um pouco de seu figurino e maquiagem: ela usa um vestido marrom, simples e sóbrio, assim como os cabelos presos, que contribuem para a ideia de um passeio corriqueiro pelo campo. A música que toca ao fundo — *Dawn*, composta por Dario Marianelli e Jean-Yves Thibaudet, presente na trilha sonora do filme — reforça a leveza da personagem neste primeiro momento.

Além disso, a cena “antecipa” que a personagem tem gosto pela leitura, o que se confirma pela expressão concentrada da personagem na leitura, como se viu na Figura 1, mas também pela ênfase dada ao livro na sequência da cena, como se observa na Figura 2.

Figura 2 - Destaque para o livro que está sendo lido por Elizabeth Bennet



Fonte: Frames do filme (ORGULHO..., 2005, 00:01:35 a 00:01:39)

¹ Quando falamos que a cena mostra um primeiro plano e centraliza a personagem, estamos falando a respeito do “enquadramento”, que é uma das noções centrais da linguagem cinematográfica, uma vez que é a partir das definições de enquadramento que se determina a maneira pela qual o espectador verá o que se apresenta no filme. O enquadramento envolve dois elementos principais: o plano, que diz respeito à distância entre a câmera e o que está sendo filmado por ela, e o ângulo dessa filmagem, que varia tanto vertical quanto horizontalmente. O Primeiro Plano refere-se a um enquadramento que pega a personagem do peito para cima, destacando assim seu rosto. Nesse caso, a personagem encontra-se centralizada na tela, gerando uma imagem que denota equilíbrio e estabilidade. (JULLIER; MARIE, 2012).

Observa-se, assim, que, se o processo de figuração de um personagem nos romances é realizado de maneira gradual, disperso ao longo da narrativa, a situação é diferente quando se trata do cinema, pelo menos no que diz respeito às suas características físicas. Nos longas-metragens, os personagens são condensados nos traços de um ator ou atriz: no caso do filme que estamos analisando, Elizabeth é representada pela atriz Keira Knightley, de modo que logo em sua primeira entrada em cena o espectador já tem acesso à sua caracterização física, que é dada de uma só vez. Assim, o espectador já inicia o filme sabendo quem é a protagonista e qual é sua aparência: a Lizzie de Wright é uma mulher jovem, alta, esbelta, com olhos negros e cabelos escuros. Os demais atributos da personagem, associados às suas características psicológicas, aos seus gostos e desejos, e à situação social em que vive, continuam a ser pontuados ao longo da narrativa fílmica, assim como vimos com relação ao gosto pela leitura.

É o que podemos perceber, por exemplo, em outra das cenas do filme que selecionamos para análise, e que vai de 00:05:48 até 00:06:05. Esta cena, composta como um Plano Médio Curto (PMC), se insere na sequência em que Elizabeth e sua família estão participando do baile em Netherfield: a sequência se inicia com uma cena em plano aberto do baile, na qual vemos as pessoas dançando e se divertindo, num percurso que vai destacando algumas das personagens centrais da narrativa, como Lizzie e suas irmãs, seus pais e alguns amigos e vizinhos. Enquanto acompanhamos o baile, em dois momentos vemos Lizzie centralizada no quadro, ao lado de sua irmã Jane, com quem conversa, e da amiga Charlotte Lucas, como se vê na Figura 3.

Figura 3 - Elizabeth acompanha o baile com a irmã e a amiga



Fonte: Frames do filme (ORGULHO..., 2005, 00:05:30 a 00:06:05)

A personagem novamente traja um vestido simples, dessa vez em cor verde escura, também bastante sóbria, e mantém os cabelos presos, sem qualquer adereço, o que nos leva a perceber que não há muita diferença em sua aparência seja num baile, seja num passeio no campo. Isso pode já denotar alguns traços de sua personalidade, que não se preocupa tanto com os eventos sociais e as atividades a eles relacionadas.

Observa-se, nesta cena, que todos estão muito alegres e se divertindo, e esse clima é reforçado pela música que toca ao fundo, *Meryton Townhall*. Podemos acompanhar neste momento o diálogo que é travado entre Elizabeth e Jane:

[Elizabeth] — Se todos os homens não acabarem a noite apaixonados por você eu não entendo nada de beleza.

[Jane, rindo levemente] — Ou de homens!

[Elizabeth, rindo largamente] — Não, estes são bem fáceis de julgar..

[Jane] — Nem todos são ruins.

[Elizabeth] — Nenhum senso de humor, em minha limitada experiência.

[Jane] — Um dia, Lizzie, alguém irá lhe fisgar e você pagará sua língua. (ORGULHO..., 2005, 00:05:56 a 00:06:15)

Na fala de Elizabeth, somos apresentados a algumas novas informações sobre sua personalidade, pois podemos observar a ideia que ela tem sobre o sexo masculino. Suas expressões ao longo do diálogo nos levam a perceber que ela expressa uma opinião generalizada sobre os homens, de maneira confiante, e sem abrir espaço para exceções em seu julgamento. O fato de a personagem rir enquanto expressa sua opinião favorece a confiança no que diz e aponta para um certo desdém com relação ao sexo oposto. Todos esses elementos nos permitem a criação de mais traços de identidade que vão se juntar na composição da “imagem” dessa personagem, que tem preconceito pelo sexo oposto e uma “barreira” em relação a ele e a seus comportamentos.

Para finalizarmos esta seção, analisaremos a sequência em que Lizzie é pedida em casamento por seu primo Mr. Collins e o rejeita, a qual também abordamos com relação ao romance. A sequência se inicia em 00:47:07, quando, no dia posterior a um baile no qual dançou com seu primo, entre outras pessoas, Mr. Collins dirige-se à residência dos Bennet e solicita uma “audiência privada” com Elizabeth, ao que ela reage com surpresa e algum receio, como se percebe na Figura 4 por sua expressão diante da situação. Ela tenta evitar a situação, mas sua mãe garante que todos saiam da sala para que ela fique a sós com Mr. Collins.

Figura 4 - A reação de Lizzie ao pedido de audiência privada de Mr. Collins



Fonte: Frame do filme (ORGULHO..., 2005, 00:46:30)

Ao ficar a sós com Mr. Collins, Lizzie levanta-se rapidamente e olha para ele, receosa pelo que virá a seguir, mas, ao ver-se sem saída da situação, senta-se novamente. Ao longo de todo o diálogo, a personagem mantém uma expressão séria, como se percebe na sequência de imagens da Figura 5.

Figura 5 - Postura de Lizzie ao longo da conversa com Mr. Collins



Fonte: Frames do filme (ORGULHO..., 2005, 00:47:00 a 00:49:37)

Estabelece-se, ao longo da sequência, o seguinte diálogo:

[Mr. Collins] — Cara Srta. Elizabeth, minhas intenções são claras demais para haver engano. Quase no exato momento que entrei nesta casa, a escolhi como companheira de minha vida futura. Mas antes de declarar meus sentimentos, talvez deva apresentar minhas razões para casar-me. [Elizabeth tenta se levantar]. [...] E agora nada me resta senão lhe demonstrar, no mais vigoroso estilo, a força de meus sentimentos.

[Elizabeth] — Sr. Collins!

[Mr. Collins, ajoelhando-se] — E nenhuma menção ao assunto fortuna sairá de meus lábios após o casamento.

[Elizabeth] — Esquece-se de que ainda não respondi.

[Mr. Collins] — Lady Catherine aprovará inteiramente quando falar-lhe de sua modéstia, economia e outras amáveis qualidades.

[Elizabeth] — Senhor, honra-me sua proposta, mas sinto dizer que declino dela.

[Mr. Collins] — Sei bem que senhoritas não querem parecer ávidas...

[Elizabeth] — Sr. Collins, falo muito sério. O senhor não me faria feliz. E sou a última mulher do mundo que poderia fazê-lo feliz.

[Mr. Collins] — Lisonjeia-me que sua recusa seja meramente uma delicadeza natural. Além disso, apesar de suas muitas qualidades, não é de todo certo que outra proposta de casamento jamais lhe será feita. Devo concluir que apenas deseja aumentar meu amor com este suspense, segundo o costume usual das mulheres elegantes.

[Elizabeth, sendo bastante enfática] — Não sou o tipo de mulher que atormenta homens respeitáveis. Por favor, compreenda-me. Não posso aceitá-lo. (ORGULHO..., 2005, 00:47:00 a 00:49:37)

O diálogo é encerrado por Elizabeth, que após a última frase sai da sala de jantar, deixando o primo ajoelhado, enquanto sua mãe e irmãs entram repentinamente no cômodo. Pelo diálogo e pela interpretação da personagem, pode-se observar mais algumas características psicológicas de Elizabeth, uma vez que se evidencia que ela valoriza mais a honestidade de sentimentos e uma paixão verdadeira do que ocupar certo *status* social, por meio de um casamento garantido, nem mesmo se fosse para fazer a vontade dos seus familiares. Apesar da insistência da mãe, Lizzie permanece firme em sua recusa, deixando bem clara sua personalidade forte e decidida, e o respeito que tem com seus próprios limites e vontades.

Toda essa construção é reforçada pelas imagens da cena: alternando entre o plano médio (que nos permite acompanhar o posicionamento e movimentos dos dois personagens) e o primeiro plano de cada um deles, em campo e contracampo, a sequência permite ao espectador captar a tensão da situação e perceber a expressividade da interpretação dos atores. O trecho final, com o personagem de Mr. Collins ajoelhado, e a câmera em

posicionamento de cima para baixo, ressalta a postura de orgulho de Lizzie, que no final é quem dá a última palavra.

Essas breves cenas analisadas nos permitem concluir que a refiguração de Elizabeth no filme de Joe Wright mantém as características essenciais de sua figuração no romance: ela é aqui também construída como uma personagem com personalidade forte, que não abre mão de seus valores, apesar da pressão para o casamento presente na época retratada — ela não se casaria se não fosse com alguém por quem ela tivesse verdadeira afeição e admiração. Além disso, ressalta-se o cuidado com a caracterização física de Elizabeth, que não só correspondeu à descrição da personagem feita por Jane Austen em sua obra, mas, ao se apropriar cuidadosamente de elementos cenográficos que recuperam elementos da época retratada, como nos figurinos e cenários, propiciou uma refiguração satisfatória das personagens.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elizabeth Bennet é uma das personagens femininas que mais se destacam na literatura ocidental. Isso se dá por sua originalidade, personalidade forte e coragem, assim como pelo crescimento que perpassa sua trajetória em *Orgulho e Preconceito*. Através do processo de figuração, pudemos identificar de que maneira os dispositivos discursivos contribuíram para a construção de suas características físicas — seus olhos negros e cabelos escuros, em especial —, bem como de suas características psicológicas ao longo do romance. Essas últimas foram reforçadas por meio dos dispositivos de conformação acional, que, ao apresentarem as ações que a personagem realiza durante toda a história, nos ajudam a melhor compreendê-la. Elizabeth é figurada como uma personagem que é capaz de sofrer por aqueles a quem ama (como sua irmã mais velha) e que tem muito zelo por suas outras irmãs, apesar de estas às vezes serem inconsequentes. Ela se mantém determinada em suas convicções e é retratada como uma mulher inteligente e centrada, sem medo das opiniões alheias.

No processo de refiguração, pode-se observar que houve uma preocupação de não alterar as características principais da personagem propostas no romance, apesar das mudanças inevitáveis que ocorrem no processo de transposição midiática, especialmente tratando-se uma narrativa complexa como *Orgulho e Preconceito*. Ressalta-se que o diretor fez uma escolha assertiva de casting ao escalar a atriz Keira Knightley para o papel de Elizabeth, cujas características físicas foram fidedignas à obra de Jane Austen e à sua protagonista, e cuja interpretação soube reforçar a personalidade da personagem. A paleta de cores e a iluminação propiciam a ambientação do contexto de época do romance, sendo

este reforçado pela trilha sonora original. Destaque-se, ainda, o figurino da personagem, que contribui para a formação de sua identidade no processo refigurativo audiovisual: a sobriedade, simplicidade e beleza das composições criam um “diálogo” com o que Austen propôs em sua obra e contribuem para que o principal destaque seja dado à personalidade da personagem. Esse trabalho garantiu a sobrevivência de Lizzie Bennet, que continua, ainda hoje, sendo um símbolo feminino de convicção tanto na literatura como no cinema.

4. REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. As ferramentas da análise fílmica. In: JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2012. p. 19-71.

ORGULHO e Preconceito. Direção de Joe Wright. Reino Unido: Universal Studios, 2005 (129 min.).

REIS, Carlos. **Figuras da Ficção**. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2006.

REIS, Carlos. Para uma teoria da figuração. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 52, n. 2, p. 129-136, abr.-jun. 2017. Sobrevidas da personagem ou um conceito de movimento. Coimbra, mar./abr. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/29161>. Acesso em: 10 jan. 2022.

REIS, Carlos. **Pessoas de livro**: figuração e sobrevivência da personagem. In: REIS, Carlos. **Pessoas de livro: estudos sobre a personagem**. 3. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018a. p. 119-143.

REIS, Carlos. **Dicionário de Estudos Narrativos**. Coimbra: Almedina, 2018b.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 51, p. 19- 53, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2006n51p19/9004>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Contatos: akamilasantana@gmail.com e maria.moreira@mackenzie.br